

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

Renato Pincelli

PATENTES PATÉTICAS

BAURU

2014

Renato Pincelli

PATENTES PATÉTICAS

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado à Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação do
campus da UNESP em Bauru como
requisito parcial à obtenção da
graduação no curso de Comunicação
Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Rolfsen
Belda

BAURU

2014

Renato Pincelli

PATENTES PATÉTICAS

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda

Prof. Dr. Ângelo Sottovia Aranha

Prof. Dr. Antonio Francisco Magnoni

Dedico este trabalho à minha mãe, por
ainda me agüentar dentro de casa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores e professoras, desde a pré-escola até a graduação. Sei que é injusto não listar todos, mas meu agradecimento especial vai para o último de todos eles, Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda, pelo entusiasmo com que recebeu meus projetos e a dois professores que apoiaram este projeto financeiramente, Antonio Carlos Hernandez e Sergio Mascarenhas, ambos do Instituto de Física de São Carlos.

Agradeço ainda aos *coleguinhas* que fiz em Bauru. Sem o Luiz Fernando de Araújo Valim, o Vitor Soares Torres, o João Paulo Monteiro Santos, o Renan Kalil do Ó, o Rodrigo Pessoa, o Gustavo Cerezetti, o Henrique Gasparino e a Ana Navarrete, a Juliana Santos, a Letícia Mendonça, a Giuliana Chorilli e demais nomes que me fugiram agora (mas são importantes, tenha certeza) eu não teria tido motivos para viajar de ônibus todas as noites, após o trabalho e continuar o curso de Jornalismo. Aos caras da Xilindró e às meninas da Maria da Penha, meu efusivo abraço pelo carinho, pelo amor e pela diversão que tive como membro quântico daquelas repúblicas.

Agradeço ainda mais à minha mãe, Suzana Aparecida Dário, pois sem ela eu duplamente não estaria aqui — não só foi ela que me botou no mundo como me sugeriu cursar Jornalismo após dois fracassos em vestibulares de outros cursos. Por fim, agradeço ao meu pai, Paulo Sérgio Pincelli, pelas gambiarras de fundo de quintal que presenciei na infância, que contribuíram para meu interesse sobre o processo inventivo.

*"Há oito anos que ele estava debruçado em cima de um projeto para extração de raios de sol a partir de pepinos, que deviam ser colocados em frascos de vidros hermeticamente fechados, e deixados aquecer ao ar livre nos verões inclementes."
(Jonathan Swift. As viagens de Gulliver, Parte III, Capítulo V. Viagem à Laputa)*

PINCELLI, R. **Patentes Patéticas**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – FAAC – UNESP, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda, Bauru, 2014.

RESUMO

O objetivo deste projeto é publicar um livro de divulgação científica voltado ao tema da propriedade intelectual ou industrial, em especial da patente, e seu processo de aprovação. Com base em uma série de posts publicados semanalmente no blog do autor, as *Patentes Patéticas* utilizam técnicas de jornalismo científico, literário e de humor para analisar uma seleção de patentes norte-americanas que se destacam por suas utilidades questionáveis e criticar o número de patentes concedidas como métrica da inovação tecnológica de um país.

Palavras-chave: jornalismo científico, patentes, inovação tecnológica, humor

ABSTRACT

The objective of this project is to publish a book of scientific dissemination aimed at the subject of intellectual or industrial property, in particular patent, and its approval process. Based on a series of weekly blog posts published by its author, *Patentes Patéticas* use scientific, literary journalism and humour techniques to analyze a selection of U.S. patents that stand out for their questionable utility and criticize the number of patents granted as a metric of technological innovation in a country.

Keywords: science journalism, patents, technological innovation, humour

SUMÁRIO

1 Apresentação	09
1.1 O projeto	09
1.2 A realização	10
1.2.1. Pesquisa e redação do material.....	10
1.2.2. Seleção e organização do material.....	11
1.3 Informações técnicas	13
1.3.1. Projeto gráfico.....	13
1.3.2. Diagramação.....	15
1.3.3. Tiragem, circulação, patrocínio e público-alvo.....	15
2 Embasamento Teórico	16
2.1. Patentes.....	16
2.2. Jornalismo literário.....	18
2.3. Jornalismo e humor.....	19
2.4. Divulgação científica e humor.....	20
3 Considerações finais	21
4 Referências	23

1. APRESENTAÇÃO

1.1. O Projeto

Se livros são como filhos, o meu primeiro definitivamente não foi planejado. Confesso que já havia pensado em tê-lo, mas era mais um sonho distante do que algo realizável. Como muitas das invenções que apresenta, o livro deste projeto não deveria existir. Sua existência ou invenção é mais resultado de uma série de eventos fortuitos do que de um longo planejamento teórico.

Foi assim: eu precisava de um projeto de conclusão de curso. Ao longo do primeiro semestre de 2013, construí a idéia de fazer uma pesquisa sobre a revista *Ciência Hoje das Crianças*. Fiz algumas pesquisas e até busquei algum embasamento teórico para concluir que aquele projeto não só era viável como desejável, porque me permitiria fazer, junto à minha comunidade, um importante trabalho de pesquisa sobre a percepção infantil da Ciência e do uso daquela revista em sala de aula.

Então eu precisava de um orientador para aquele projeto. Inicialmente pensei no Prof. Dr. Ângelo Sottovia Aranha, mas quem encontrei no dia do protocolo, numa tarde atipicamente chuvosa de junho, foi o Prof. Dr. Francisco Magnoni, o Dino. Esse foi o primeiro encontro fortuito do dia. Eu mostrei ao Dino meu projeto e ele logo me recomendou para um tal de Belda, um professor de quem eu nunca havia ouvido falar. Eu fui à sala dele e, em poucos minutos de conversa descobri duas coisas: aquele era o Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda e ele estava entusiasmado. Logo estávamos discutindo os vários aspectos do projeto que eu havia planejado e nos encaminhávamos para o segundo encontro fortuito daquele dia.

O segundo encontro fortuito, e o mais decisivo, foi de idéias. A certa altura de nossa discussão, informei ao meu recém-descoberto orientador que mantinha, desde 2007, um blog de divulgação científica, o *Hypercubic*. Ele podia ter pedido o endereço¹ e ter visto depois, desinteressado e cansado. Isso seria o esperado para mim. Mas o Belda não esperou nada e logo percebeu que eu tinha ali, no meu blog,

¹ Link citado: <science.blogs.com.br/hypercubic>. Os demais links citados como fonte serão apresentados nas respectivas notas de rodapé.

um livro já pronto. Trata-se de uma série de posts que venho publicando desde abril de 2011, as *Patentes Patéticas*.

Apesar da minha hesitação inicial, eu abracei o projeto do livro. Eu esperava publicá-lo, só não esperava que esse trabalho fosse começar tão cedo. Não tivemos discussões teóricas sobre a transferência de meios (do eletrônico para o impresso). Nós simplesmente trocamos contatos e partimos imediatamente para a realização.

Quanto ao projeto inicialmente proposto, foi engavetado mas não inteiramente abandonado. A pesquisa sobre a revista *Ciência Hoje das Crianças* poderá ser realizada como projeto de mestrado.

1.2. A Realização

Ao contrário da maioria dos alunos, que chega ao último semestre preocupando-se com as longas noites de leituras, pesquisas e redação da monografia, eu subitamente descobri que minha redação já estava pronta. Havia mais de dois anos que eu vinha publicando, a cada fim de semana, as *Patentes Patéticas*.

1.2.1. Pesquisa e redação do material

A idéia surgiu-me, no começo de 2011, ao observar a crescente presença o tema Patentes na mídia. Ao pesquisar sobre o tema em sites e blogs estrangeiros para escrever um post, eu descobri uma cultura muito rica sobre o assunto.

O *Patent of the Week*² trazia, como indica o nome, uma patente por semana, embora sua apresentação fosse bastante sumária: nada além de uma cópia da página de rosto da patente e uma legenda bem-humorada. Infelizmente, o *Patent of the Week* deixou de ser atualizado regularmente no fim de 2005.

Numa linha similar, mas com mais texto e um humor mais sarcástico, o blog *Patently Silly*³ também postava, regularmente, artigos que tinham o formato aproximado de uma resenha irônica de uma patente. O *Patently Silly* também foi descontinuado (em 2010), mas seu conteúdo também foi transformado em livro pelo seu autor.

² Link do site citado: <<http://www.patentoftheweek.com/>>. Acesso em: 07/01/2014.

³ Link do blog citado: <<http://www.patentlysilly.com/>>. Acesso em: 07/01/2014.

Portanto, o que era pra ser só um *post* tornou-se uma série de artigos publicados semanalmente. O formato era bastante variável a princípio, mas fixou-se um texto com as seguintes características:

- Abertura contextualizadora, na qual apresento ao leitor um problema comum e questiono se não haverá uma solução mais prática.
- Apresentação da solução do problema proposto, através de um trecho da patente (geralmente o resumo). Seguem-se informações sobre o inventor e a patente. No blog, há links para versões digitalizadas da patente. Eventualmente, outros trechos curiosos da patente também são citados.
- Crítica da patente, com uma análise bem-humorada de tudo o que pode dar errado com a invenção registrada (acidentes, situações ridículas, comparação com soluções mais simples, etc).

Dadas as fontes de inspiração desta série, as patentes escolhidas são todas de origem norte-americana. Essa escolha se deu não apenas pela existência de pautas nelas baseadas nas fontes estrangeiras mas também pela falta de publicidade das patentes do Brasil. Para mais informações sobre essa dificuldade de acesso às patentes nacionais, vide o item 2.1 do capítulo 2.

1.2.2. Seleção e organização do material

Com a escolha do produto, logo foram definidos alguns limites. Nem todos os textos publicados on-line entrariam na versão impressa. Foi estipulado o limite de 50 artigos, além de um possível prefácio ou artigo especial inédito. Além de orientador deste projeto, o Prof Dr. Francisco Rolfsen Belda ofereceu-se como editor. O livro sairia pela Editora Casa da Árvore, de propriedade de sua família. No fim de junho e ao longo do mês seguinte, portanto, eu passei a selecionar, adaptar e corrigir os posts. O Belda se encarregaria de procurar financiamento para a publicação da obra.

Bem cedo percebi que seria necessário ter critérios de seleção do material a ser publicado. O mais simples seria escolher os posts mais populares ou os mais longos ou os de minha preferência pessoal. No entanto, optei por um critério que me

parecia mais objetivo: selecionar o material a partir de um recorte cronológico, dando prioridade aos primeiros textos. Assim, foram separados 50 posts publicados entre abril de 2011 e janeiro de 2013. Alguns links que existiam naqueles posts foram transformados em seu equivalente mais próximo na mídia impressa, a nota de rodapé.

Uma vez escolhidos os textos, apareceu o problema da organização. Uma sugestão dada pelo orientador foi organizar o material por temas: patentes sobre transportes, lazer, saúde, etc. No entanto, os artigos eram muito diversos, tratando desde patentes sobre utilidades domésticas a inovações no campo dos transportes (incluindo casos em que as categorias se sobrepunham). A ordenação cronológica parecia mais simples. Também seria mais útil a um trabalho de conclusão de curso, pois permitiria a avaliação da evolução dos textos ao longo do tempo.

Mas qual ordem cronológica seria mais adequada? Isso faria sentido sabendo que a data de publicação original não seria inclusa? Como as únicas datas mantidas seriam as de aprovação da patente, o que permitiu uma ordenação cronológica do ponto de vista tecnológico. As primeiras patentes patéticas do livro seriam as mais antigas.

Nesse ponto, em meados de agosto, percebi a necessidade de criar títulos para cada artigo. Na série *on-line*, os títulos são genéricos, seguindo a fórmula “Patentes Patéticas (nº. xx)”, de forma a demonstrar a continuidade da série e instigar o leitor a clicar no título para fazer a leitura e então perceber qual é a patente da semana.

No livro, essa fórmula de título genérico e serializado seria entediante e problemática. Entediante por ser repetitiva e problemática porque a parte numérica seria descontínua. Os leitores que não acompanham o blog talvez pudessem se sentir perdidos pela numeração aparentemente aleatória. Os leitores que acompanham, por sua vez, poderiam questionar facilmente a omissão desta ou daquela patente patética.

Para contornar o problema da titulação, foram criados novos títulos, que descrevem a invenção descrita de maneira simples e instigante, tal como em “Limpatrilhos fervente” ou “Calota-lava-roupas”.

O que nos leva a informações mais sérias (e talvez entediantes), como público-alvo, tiragem, custos e financiamento, formato e projeto gráfico.

1.3. Informações técnicas

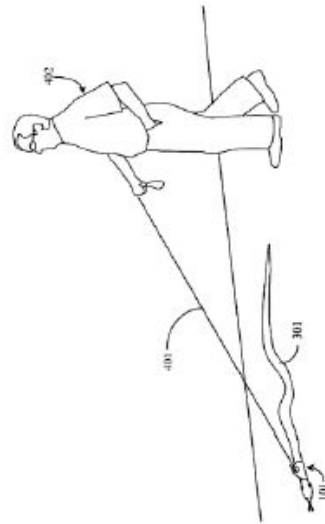
1.3.1. Projeto gráfico

O projeto gráfico foi definido pelo autor e colaboração com o orientador ao longo do mês de agosto de 2013. O formato do livro (15cmx20cm) foi escolhido pelo orientador, que recomendou um teto de 200 páginas, mais tarde reduzido para 150. Essa redução se deve à perspectiva de, inicialmente, contar com ilustrações no estilo *cartoon* em adição às figuras de algumas patentes. Essa perspectiva não se concretizou por questões dos custos envolvidos e do prazo curto.

A tipologia foi definida por consenso, após duas combinações tipográficas para títulos e texto sugeridas pelo orientando. Foi escolhido um projeto gráfico intermediário entre os dois apresentados, com fontes de texto do primeiro e fontes de título do segundo. A disposição gráfica seria a seguinte: ilustrações (figuras retiradas das próprias patentes) junto ao título, numa página à parte, à esquerda do leitor e o texto na página fronteira, à direita do leitor, conforme exemplificado pela Fig. 1:

COLEIRA PARA COBRAS

Patente nº 649.0499, de 10 de dezembro de 2002



8

Você é daqueles que acha que ter cães e gatos é comum demais e por isso tem uma cobra? Como você leva seu réptil pra passear? Mantê-la enrolada pelo corpo pode ser cool, mas da mesma forma que cães mordem seus donos e gatos arrancam-nos, lembre-se que você pode acabar estrangulado sem mais nem menos pela sua adorável cobrinha...

Usar uma coleira poderia ser mais seguro — mas será possível fazer uma coleira para uma criatura desprovida de saliências e que é toda pescoço? O inventor californiano **Donald Robert Martin Boys** provou que sim, é possível. Ou pelo menos é o que pensa o U.S. Patent Office, que em **10 de dezembro de 2002** emitiu a patente nº. 6.490.999 para um **"Aparelho de coleira que permite o manuseio seguro de uma cobra por meio de uma corrente"**. Explica-se:

Coleiras animais padronizadas, como as projetadas para cães e gatos bem como para outros animais, mais não se prestam ao estilo corporal de uma cobra, porque a cobra não tem qualquer apêndice externo. [...] O movimento sinuoso de uma cobra, combinado com a capacidade de alargar o diâmetro de sua circunferência permite-lhe atravessar e escapar de qualquer freio anular como uma coleira de pescoço.

A coleira de cobra de Mr. Boys inclui um "dispositivo de neutralização do movimento sinuoso" (nº. 101, na ilustração original) para evitar as fugas e permitir que você (nº. 402) saia tranquilamente para dar uma voltinha no parque com a sua serpente (nº. 301). "Um réptil que recebe mais luz do sol", explica a patente, em tom acadiano, "terá uma melhor condição dermatológica do que aquele que é mantido no escuro."

9

Fig. 1. O projeto gráfico inicial previa mais destaque tanto para as ilustrações quanto para o texto. Por motivos de ordem prática, nem sempre foi possível manter esse aspecto do projeto.

1.3.2. Diagramação

Porém, ao longo do processo de diagramação, foi observado que nem todos artigos escolhidos cabiam num par de páginas. Os textos mais longos exigiriam, para a manutenção desse esquema, a existência de algumas páginas em branco. Escolher novos artigos seria trabalhoso e demandaria tempo. Encurtar textos parecia muito injusto, pois poderia entregar ao leitor habitual da série um texto diferente, mas que facilmente poderia passar por mutilado. Alongar os textos, de modo a preencher as páginas em branco seria igualmente demorado e frustrante para o leitor, na medida em que o texto original perderia sua fluidez.

Ainda em relação à diagramação, foi decidido que esse trabalho seria terceirizado. Essa decisão se deu por dois motivos. O primeiro é que, embora o autor tenha adquirido as técnicas de diagramação ao longo do curso, ele não dispunha de tempo ou equipamentos adequados para a realização desta tarefa. O segundo é que, como o projeto poderia ter alguma viabilidade comercial, seria mais adequado que essa etapa do trabalho fosse tratada de maneira mais profissional.

1.3.3 Tiragem e circulação, patrocínio e público-alvo

Quanto à tiragem, desde o início – antes mesmo da confirmação de um patrocínio – trabalhamos com 1.000 exemplares em mente. Também sabíamos que, mesmo com patrocínio, a circulação seria restrita.

A obtenção do patrocínio foi uma fase crítica do projeto e ficou a cargo do orientador-editor, o Prof. Francisco Rolfsen Belda. Após alguns contatos informais com outras empresas e instituições, o Belda fez uma apresentação do projeto (com tema, proposta, amostra de textos) ao Prof. Antonio Carlos Hernandez, diretor do Instituto de Física da USP de São Carlos (IFSC). Como o Instituto tem interesse e tradição na área de divulgação científica, o Hernandez abraçou o projeto prontamente. Belda e Hernandez também já haviam colaborado na produção de outro livro, *História da Física em São Carlos* (BELDA e FARIA, 2012). O interesse do Prof. Sérgio Mascarenhas de Oliveira, que se entusiasmou com o projeto, também foi importante.

Após a obtenção do patrocínio junto ao IFSC, ficou acertado que a obra seria distribuída pelo patrocinador, salvo uma cota de exemplares para o autor e outra

para a Editora Casa da Árvore. O público-alvo foi definido pelo próprio patrocinador e constitui-se de alunos de escolas públicas do Ensino Médio. O valor empenhado no patrocínio é de cerca de 14 mil reais, sendo a maior parte da despesa com serviços gráficos e despesas menores com editoração, lançamento (ainda a ser agendado), distribuição e outras despesas administrativas.

Agora interrompemos este relatório para passar a informações ainda mais sérias (e talvez mais entediadas), como o embasamento teórico deste produto. Quem quiser continuar com o relato, pode ir às considerações finais no capítulo 3.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1. Patentes

Como dito anteriormente, a própria série de postagens nasceu do interesse do autor sobre a crescente presença do assunto “Patentes” na mídia. Mas o que é uma patente? É um documento concedido pelo poder público para proteger uma propriedade industrial, segundo certos critérios e por determinado prazo. É, portanto, um tipo de propriedade intelectual.

No Brasil, onde as patentes são reguladas pela Lei nº 9.279/1996⁴, são requisitos para concessão de uma patente: inovação, atividade inventiva e aplicação industrial (artigo 8º.). Segundo o artigo 11 são considerados novos ou inovadores os inventos ou modelos de utilidade “quando não compreendidos no estado da técnica”, sendo o estado da técnica “constituído por tudo aquilo tornado acessível ao público antes da data de depósito do pedido de patente, por descrição escrita ou oral, por uso ou qualquer outro meio, no Brasil ou no exterior” (art. 11, § 1º.). O segundo critério, a atividade inventiva, é definido como aquilo que “sempre que, para um técnico no assunto, não decorra de maneira evidente ou óbvia do estado da técnica.” (art. 13). O artigo 15 define a aplicação industrial nos seguintes termos: “A invenção

⁴ Nos EUA, de onde vêm as patentes criticadas no livro, a matéria é regulada pelo Art. 1º., Seção 8(8) da Constituição de 1787 (a Cláusula de Copyright), regulado pelo Título 35 do Código de Leis dos Estados Unidos. Embora haja diferenças no processamento dos pedidos, as exigências são basicamente as mesmas: inovação, atividade inventiva e aplicação industrial. (notem que esta é a única nota de rodapé realmente necessária do ponto de vista formal)

e o modelo de utilidade são considerados suscetíveis de aplicação industrial quando possam ser utilizados ou produzidos em qualquer tipo de indústria.”

Um quarto requisito, não exigido legalmente mas que está ganhando importância é a divulgação social ou pública. Isto é, em troca do direito protegido sobre os demais requisitos, cobra-se a publicação e divulgação completa do invento. “[É] a divulgação pública do invento que eleva socialmente o nível do estado das artes úteis.” (Barbosa, 1999 *apud* Mazocco, 2009).

Mazocco também explica que no Brasil há uma grande dificuldade de divulgação de patentes pela cultura do sigilo. Segundo o autor, “da data do depósito até os 18 meses seguintes, o depósito entra no período de sigilo, fase em que o pedido de patente depositado não é divulgado de nenhuma forma pelo INPI.” Para Mazocco, essa cultura de sigilo dificulta o licenciamento imediato após o depósito da patente o que, por sua vez, dificulta ou atrasa a obtenção de patentes internacionais por depositários brasileiros. Além dos evidentes danos econômicos que essa cultura de sigilo causa, a caixa-preta do INPI nos impediu – ao menos por enquanto – de apresentar patentes questionáveis de inventores brasileiros.

Quanto ao valor-notícia da patente, Mazzoco acredita que a patente tem relevância jornalística por dois motivos: é uma novidade e tem impacto sobre a sociedade. Ou pelo menos presume-se que o processo ou produto patenteado “tenha uma utilização prática e estará à disposição da sociedade”. O mesmo autor ainda destaca quatro dimensões sobre as quais a mídia veicula as patentes. São os focos econômico/jurídico (as disputas econômicas em torno das patentes muitas vezes enveredam pelo campo jurídico), o técnico/científico e o político (as patentes têm sido usadas na formulação de políticas públicas, especialmente na proteção de bens naturais e culturais). De acordo com a pesquisa de Mazzoco, os focos mais frequentes na mídia são o econômico/jurídico e o político.

O que as *Patentes Patéticas* demonstram é que os produtos patenteados, embora sejam uma novidade em sua época, nem sempre têm o impacto esperado pelos inventores ou pelo público. Nesse sentido, divulgar patentes — especialmente as mais recentes — pode ser arriscado por contribuir para criar falsas expectativas. Por outro lado, a divulgação jornalística das patentes poderia contribuir justamente para criar demandas pelo produto patenteado ou apresentá-lo a empresários e

investidores que não estejam familiarizados com os boletins emitidos pelos Escritórios de Patentes ou os Institutos responsáveis pela concessão de patentes (o INPI no Brasil e o USPTO nos Estados Unidos). Ainda que de maneira lúdica e informal, o foco que utilizamos em nossa série de divulgação de patentes é o técnico/científico.

2.2. Jornalismo literário

Diante de um tema que, por sua própria natureza, oscila entre o árido e o entusiasmante mas frequentemente é tratado de forma entediante desde o princípio nós decidimos tratá-lo de maneira leve e bem-humorada.

Passos e Belda (2013) estudaram a publicação de perfis de cientistas como subgênero do jornalismo literário. Para os autores, o jornalismo literário diferencia-se pela “caracterização de seus personagens, emprega uma série de técnicas textuais de composição narrativa que são comuns aos relatos de ficção, com a diferença crucial de que se trata, porém, de não-ficção.”

No nosso caso, tanto a invenção quanto o inventor acabam virando personagens. Os textos de *Patentes Patéticas* podem ser considerados como perfis das invenções e, dentro do possível, de seus inventores. Esses perfis são feitos basicamente pela contextualização do problema que a invenção patenteada se propõe a resolver e dos problemas que muitas vezes essas invenções acabam por criar. Frequentemente, essa contextualização se dá de maneira a se aproximar do leitor, questionando-o se ele tem aquele problema ou como ele o resolveria. Em seguida apresentam-se trechos da patente em questão como forma de retratar o invento, inclusive destacando a intenção original do inventor.

Como as informações sobre o inventor disponíveis em uma patente são bastante limitadas (além do nome há apenas o endereço), buscamos humanizar o inventor imaginando o seu emprego, seus hábitos ou suas ambições. Nesse sentido, o inventor é apresentado com o que McKee (2006), segundo Passos e Belda (2013), chama de “verdadeira personagem”, aquela que é caracterizada não só pelos seus “desejos” e sua “motivação”, mas que “só pode ser expressa através de uma escolha em uma dilema.” (MCKEE, 2006, p.351).

O dilema desses inventores, no caso, é duplo. Primeiro eles têm de decidir como vão resolver determinado problema de maneira criativa, eficiente e, muitas vezes, improvisada. Depois precisam decidir se patenteiam essa técnica, mesmo que ela tenha aplicação muito restrita ou até anti-econômica. Todos os inventores retratados são criativos e decidem pela patente – mas nem todos apresentam propostas eficientes e viáveis. A opção pela patente se dá mais pela ingênua esperança de conseguir algum dinheiro com um invento que muitas vezes parece saído do fundo de um quintal ou de evitar que a idéia seja copiada por supostos concorrentes.

2.3. Jornalismo e humor

Essa mistura de engenhosidade e ingenuidade dos inventores e suas invenções nos leva diretamente ao humor. Palavra de origem latina, *humoris*, humor significa “líquido”, “fluido” e indicava originalmente os fluidos vitais dos corpos humanos tais como o sangue, a bÍlis, a linfa. Desde a antiguidade até o fim da Idade Média prevaleceu a teoria médica de Hipócrates: a doença seria resultado do desequilíbrio entre um ou mais humores corporais. Com o desuso da teoria hipocrática o termo humor passou a designar, a partir do século XVII, o estado de espírito de cada indivíduo, especialmente o chamado bom-humor – aquele que se destaca por ser leve e faceiro, quase fluido e líquido, portanto.

Para Mauriz (2008), o humor também é ato de desdobramento e reflexão, que desmonta algo explicitamente para expor suas contradições internas e levar ao questionamento. É o que já dizia a velha máxima latina: *Ridendo castigat mores* [através do riso, a crítica dos costumes]. Há quem veja diferenças entre o humorístico e o cômico, mas não vamos gastar mais latim: basta dizer que humor é a arte de não levar nada a sério, inclusive o próprio humor.

Como nota Amaral (1978), “[a]s funções do humor vão desde o puro entretenimento, com o intuito de clarear um pouco o conjunto de textos ditos sérios, à atuação política e ideológica, ao humor engajado que faz rir para refletir e, assim, quebrar a indiferença da opinião pública.” Na cobertura política, há um longo histórico de humor como ferramenta jornalística — dos pasquins que zombavam da autoridade papal no Renascimento ao *Pasquim* que zombava da autoridade do

governo militar instalado em 1964. Na editoria esportiva o humor também sempre está presente.

O fenômeno do humor jornalístico é global e independe da mídia. Nos Estados Unidos destacam-se os noticiários irônicos de Stephen Colbert (*Colbert Report*) e Jon Stewart (*Daily Show*), ambos disponíveis on-line. Na TV brasileira, o que mais se aproxima desse formato que informa (e critica) através do riso é o CQC, comandado por Marcelo Tas. Enquanto muita gente questiona o jornalismo conduzido dessa forma, outros o defendem.

Em seu discurso de recebimento do Prêmio José Reis de Divulgação Científica, em 2005, o jornalista científico Marcelo Leite destacava o atraso causado pela hiper-especialização, tanto na Ciência quanto no Jornalismo Científico. Por isso, ele clamava por uma crítica de ciência:

Hoje sabemos que a própria prática científica pode enredar-se nas malhas da retórica e da ideologia, mas ainda se resiste ativamente diante da idéia de que não-cientistas – e, por favor, muito menos jornalistas – possam dedicar-se a algo como uma *crítica de ciência*, similar à universalmente aceita e bem-vinda crítica de arte. (LEITE, 2005)

Embora nem todos os inventores que retratamos sejam cientistas — encontramos até invenções pseudocientíficas, como a “Radiodifusão Hiperlumínica” —, consideramos que o que fazemos em *Patentes Patéticas* é justamente isso: uma crítica de ciência, em especial dos processos de inovação científica e da validação da inovação através da revisão especializada.

Fazemos isso com humor, o que nos permite desmontar as patentes e verificar o que há de errado com elas. Ao mesmo tempo, questionamos um sistema de propriedade industrial que aprova essas patentes mais para inflar os números de inovações e beneficiar as grandes corporações que transformaram patentes em *commodities* do que para proteger direitos e incentivar inventores individuais.

Em artigo para a *Folha de São Paulo*, Ronaldo Lemos (2010), argumentava que “jovens estão cada vez menos interessados em jornais e TV. Vão continuar assim quando crescerem. Preferem a internet. É lá que as fronteiras entre humor e jornalismo são derrubadas pra valer.” Além de citar casos de sucesso na *web*, como a memetização e a gamificação de notícias, Lemos defende esses formatos fora da

sisudez chata e masoquista dos noticiários brasileiros, que se levam a sério até quando tentam ser informais. “O jornalismo”, conclui Lemos, “precisa correr riscos⁵. Mais humor pode servir de ponte entre gerações, além de tornar minha vida mais agradável.”

2.4. Divulgação científica e humor

Se as editorias política, econômica e mesmo esportiva se levam a sério demais mesmo quando tentam divertir, o que dirá do jornalismo científico? Há uma boa dose de humor em revistas de divulgação como *Super Interessante* (especialmente em seções como “Ciência Maluca” e “Oráculo”) e *Mundo Estranho* (ainda que boa parte da ciência desta última tenha dado lugar ao entretenimento para o público adolescente do sexo masculino, o que certamente vale um bom estudo de caso). Como acontece com qualquer editoria, o jornalismo científico tem o papel de informar:

É papel da popularização da ciência e da tecnologia permitir uma interpretação rica e crítica da realidade, dos problemas cotidianos, da vida e do mundo aos mais diversos setores da sociedade. Entretanto, essa interpretação necessita da articulação entre a leitura e a escrita do mundo popular e do mundo dos especialistas, que detêm a autoridade cognitiva, sendo que essa autoridade não se entende como um indicativo de superioridade e sim como resultado de um produto social mais amplo. Em outras palavras, quanto mais enriquecida seja a linguagem utilizada, mais articuladas serão as diferentes formas de ler e escrever o mundo, de vivê-lo e de interpretá-lo. E para esse enriquecimento o autor alerta para a necessidade de se articular diversas vozes, diferentes culturas e múltiplas visões e formas de viver, sem que nenhum nível de conhecimento seja colocado acima do outro. (MAZOCCO, 2009)

Entretanto, de modo geral, as revistas científicas ou de divulgação científica não só se levam muito a sério como apresentam a Ciência como a fonte definitiva de autoridade e inovação, como se a Ciência sempre estivesse acima e além de coisas menos louváveis como política e economia – ou o humor. Tanto os cientistas quanto os jornalistas que cobrem a pesquisa científica gostam de apresentar a inovação como a principal finalidade da pesquisa, sem questionar os interesses por trás de tanta inovação.

⁵ Talvez eu esteja correndo riscos ao colocar tantas notas de rodapé neste trabalho. Mas a intenção é a mesma de algumas notas de rodapé no livro: ser engraçado.

Excepcionalmente, porém, nem os cientistas (ou seus fãs) se levam muito a sério. Prova disso são prêmios-paródia, como o IgNobel. Organizado pela revista *Annals of Improbable Research*, com apoio dos “ignitários” da Harvard-Radcliffe Society of Physics Students e da Harvard-Radcliffe Science Fiction Association, o IgNobel é entregue desde 1991. Como o nome indica, é uma paródia do Prêmio Nobel e, segundo sua página na internet⁶, laureia as pesquisas que “primeiro fazem as pessoas rir, depois pensarem. Os prêmios são destinados a celebrar o incomum, honrar o imaginativo — e estimular o interesse das pessoas em ciência, medicina e tecnologia.”

Os próprios cientistas estão descobrindo o poder da divulgação por meio de memes, paródias e concursos. O astrofísico Neil deGrasse Tyson, por exemplo, virou meme (Fig. 2) em 2011 por seus gestos e sua reação ao falar de Newton num vídeo para o blog *Big Think*⁷. Segundo o site *Know Your Meme*⁸, a reação de Tyson é usada em fóruns e comentários para satirizar afirmações arrogante de outros usuários da internet.



Fig. 2. Neil deGrasse Tyson viralizou a astrofísica ao chamar Newton de “badass”.

⁶ Link citado: <http://www.improbable.com/ig/?utm_source=INSEAD+List&utm_campaign=a159f2a63d-CONTROLLING_THE_URGE9_29_2011&utm_medium=email>. Acesso em 27/01/14.

⁷ Link do vídeo citado: <<http://bigthink.com/ideas/13155>>. Acesso em 27/01/14.

⁸ Link do artigo citado: <<http://knowyourmeme.com/memes/neil-degrasse-tyson-reaction>>. Acesso em 27/01/14.

O concurso “Dance your Ph.D.”⁹, também organizado on-line, foi criado como maneira de divulgação criativa de pesquisas. Neste concurso, os pesquisadores das áreas de Física, Química, Biologia e Ciências Sociais explicam seus trabalhos acadêmicos através de um videoclipe com música e dança. No Brasil, os organizadores do Science Blogs Brasil realizaram um concurso semelhante no fim de 2013, chamado “Explique sua tese para a vovó”¹⁰. Nesse caso, o objetivo era explicar pesquisas acadêmicas em termos simples.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando aos finalmente, vamos relatar as dificuldades e os êxitos alcançados durante a produção deste projeto. Dentre as dificuldades, a primeira foi a seleção do material a ser transposto para o formato impresso. Inicialmente, consideramos a possibilidade de publicação da série na íntegra, tal como estava no início do projeto, em junho/2013. Essa possibilidade foi descartada por questões de limitação financeira e gráfica.

Outra possibilidade a cogitada também foi o formato em um box com três ou quatro pequenos volumes organizados por área tecnológica (utilidades domésticas, transportes, etc.). Essa ideia foi apresentada pelo próprio prof. Belda, mas eu argumentei que essa forma de publicação elevaria custos e, dependendo do caso, dificultaria a distribuição.

Por algum tempo, eu também insisti na necessidade de notas de fim com links para a postagem original. Isso demandou algum trabalho, mas também acabou sendo descartado pois seria redundante e desnecessário direcionar o leitor a ler praticamente o mesmo texto *on-line*¹¹. O problema de indicar a fonte dos textos poderia ser solucionado com uma simples nota de apresentação.

A criação de pelo menos um artigo inédito exclusivo para o livro também foi considerada e só não aconteceu por limitações de tempo do autor (além de freqüentar algumas disciplinas pendentes do curso de Jornalismo, eu moro e

⁹ Link do concurso citado: <<http://gonzolabs.org/dance/>>. Acesso em: 27/01/14.

¹⁰ Link do concurso citado: < <http://scienceblogs.com.br/raiox/2013/11/explique-sua-tese-para-a-vovo/>>. Acesso em 27/01/14.

¹¹ E porque ninguém lê notas de fim. Só as de rodapé. Acho. (e, ufa, esta é a última nota de rodapé).

trabalho fora de Bauru). Apesar disso, não houve muita dificuldade em manter alguma regularidade na publicação do blog em geral e da série “Patentes Patéticas” em particular.

A maior das dificuldades, porém, foi de ordem psicológica. Desde o início do projeto eu fiquei tão feliz com a perspectiva de publicar um livro – ainda mais um livro baseado no meu blog – que queria sair contando para todo mundo. O Belda segurou minha euforia durante meses, fazendo-me entender que só poderíamos divulgar a publicação do livro após o empenho do dinheiro do patrocínio, quando tivéssemos certeza de que ele sairia.

Outra dificuldade enfrentada foi a definição da capa do livro. Foi bastante difícil encontrar, em vários bancos de imagem, uma relativa ao tema de invenções que não fosse o clichê da lâmpada acesa ou das engrenagens. Precisávamos não só de uma imagem original, mas também de algo que tivesse um toque de humor. Felizmente, essa dificuldade foi facilmente superada por uma pesquisa mais apurada e algumas discussões entre autor e diagramador.

Todo o processo de elaboração deste projeto se deu através da troca de centenas de e-mails e conferências via Skype com o orientador ou o diagramador. Embora não houvesse um cronograma muito rígido, enfrentamos alguns atrasos ou problemas de comunicação inevitáveis — principalmente durante os meses de novembro e janeiro, quando o prof. Belda esteve no exterior ou em curso. Esses atrasos, porém, prejudicaram o trabalho mais em termos de produção e publicação do que academicamente. Inicialmente a impressão do livro estava planejada para novembro, sendo adiada sucessivamente por motivos de ocupação do professor Belda em outros projetos acadêmicos e editoriais. Houve grande atraso também na redação do prefácio pelo prof. Sérgio Mascarenhas, do IFSC.

Por outro lado, foram aparecendo outros planos. Além do livro, a série também pode ser transformada em uma série de vídeos (e/ou animação) no Youtube. Esta sugestão foi feita ao autor por um colega blogueiro do ScienceBlogs Brasil, o Rafael Bento Soares. Estamos estudando como implementá-la, mas ainda que seja um desdobramento deste projeto, a série de vídeos é algo totalmente independente do livro.

Quanto ao produto deste projeto – o livro em si – temos boas perspectivas de sucesso, ainda que a circulação seja restrita e a data de lançamento não esteja certa no momento da redação deste relatório. Após o anúncio de sua publicação alguns leitores já manifestaram interesse na aquisição da obra (certamente esse número vai se ampliar assim que o lançamento for oficializado). Também estamos estudando a possibilidade de uma segunda tiragem, talvez com circulação mais ampla e patrocinada por meio de *crowdfunding*. Ambos os projetos paralelos – os vídeos e uma nova tiragem ou segunda edição do livro – ainda estão em estado embrionário e dependem de encontros fortuitos para se realizar.

Por último o maior de todos os êxitos, para mim, foi descobrir que meu blog poderia servir como demonstração efetiva da minha formação jornalística. Embora o *Hypercubic* tenha sido iniciado antes do meu ingresso no curso de Comunicação Social, foi a aplicação (consciente ou não) das técnicas aqui aprendidas que o impulsionou para uma posição razoavelmente respeitável. Esse é meu maior motivo de orgulho.

4. Referências

AMARAL, Luiz. *Jornalismo: matéria de primeira página*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ MEC, 1978, p. 113-124.

BELDA, Francisco R.; FARIA, Roberto M. *A Física em São Carlos: primeiras décadas*. São Carlos (SP): Editora Casa da Árvore, 2012.

BRASIL. Lei nº. 9.279, de 14 de maio de 1996. Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. Brasília: Diário Oficial da União - Seção 1 - 15/5/1996, Página 8353. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9279.htm>. Acesso em: 07/01/2014.

LEITE, Marcelo Nogueira. *O Atraso e a Necessidade: Jornalismo científico no Brasil*. Discurso proferido na Cerimônia de entrega do 25º. Prêmio José Reis de Divulgação Científica. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 57., 2005, Fortaleza. Anais eletrônicos... São Paulo : SBPC/UECE, 2005. Disponível em <http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programacoes/sub_25premio.htm>. Acesso em: 07/01/2014.

LEMOS, Ronaldo. Jornalismo não precisa ser chato. *Folha de São Paulo*, 08 nov. 2010, reproduzido pelo Observatório da Imprensa nº. 615, de 10 nov. 2010. Disponível em: <observatoriodaimprensa.com.br/news/view/jornalismo_misturado_com_humor>. Acesso em 07/01/2014.

MAURIZ, Aquiles. O humor no jornalismo de Zózimo Tavares. *Web Artigos*, 23 mai. 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-humor-no-jornalismo-de-zozimo-tavares/6263/>>. Acesso em 07/01/2014.

MAZOCCO, Fabrício José. *A midiatização das patentes sob o olhar CTS* (Ciência, Tecnologia e Sociedade). 155f. Dissertação (mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

PASSOS Yuri Ribeiro; BELDA, Francisco Rolfsen. Transpondo o abismo: a construção de perfis de cientistas. *Animus: Rev. Inter. de Com. Midiática*. vol. 12, n. 23 (2013). Disponível on-line em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus/article/view/8710>> Acesso em: 07/01/2014.

TEIXEIRA, Márcia de Oliveira. Humor, ciência e política em Isabelle Stengers. *História, Ciências, Saúde*, vol. 11(2):435-40, maio-ago. 2004.